

**RESISTÊNCIAS TERRITORIAIS: NARRAÇÃO, SOBREVIVÊNCIA E A
CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS-TEMPORAIS FRENTE À OCUPAÇÃO
DA PALESTINA EM OBRAS LITERÁRIAS**

**TERRITORIAL RESISTANCE: NARRATION, SURVIVAL AND THE
CONSTRUCTION OF TEMPORAL SPACES IN THE FACE OF THE
OCCUPATION OF PALESTINE IN LITERARY WORKS**

Carolina Ferreira de Figueiredo

Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES

carolina.ferreirafigueiredo@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir a transformação do território palestino nos séculos XX e XXI a partir da literatura produzida por autoras palestinas. Nesse sentido, busca-se compreender como a narração se constitui como elemento central na produção de resistência no caso da Palestina, que enfrenta um processo de apagamento sistemático, pelo menos desde a Nakba, em 1948, e mais especificamente depois da ocupação dos territórios palestinos, em 1967. Assim, a literatura mapeia diferentes questões referente à territorialidade na Palestina: trata dos desdobramentos violentos da ocupação, tematiza a luta pela sobrevivência e constrói sentidos para uma memória afetiva e íntima dos palestinos com a terra.

Palavras-chave: Palestina; Territórios Ocupados; Literatura; Resistência.

Abstract

This article aims to discuss the transformation of the Palestinian territory in the 20th and 21st centuries through the literature produced by Palestinian authors. In this sense, it seeks to understand how narrative constitutes a central element in the production of resistance in Palestine, which has faced a process of systematic erasure, at least since the Nakba, in 1948, and more specifically after the occupation of the Palestinian territories in 1967. Thus, the literature maps different issues related to territoriality in Palestine: it addresses the violent consequences of the occupation, thematizes the struggle for survival, and constructs meanings for an affective and intimate memory of the Palestinians with the land.

Keywords: Palestine; Occupied Territories; Literature; Resistance.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo discutir a relação entre o território e a resistência palestina, considerando-se a profunda transformação da Palestina e sua população ao longo do século XX e até o tempo presente. Mais especificamente, discutiremos como as diferentes dimensões ligadas

ao território – de denúncia, violência, sobrevivência e luta –, são apresentadas em narrativas literárias produzidas por autoras palestinas, Susan Abulhawa, Hala Alyan, Khulud Khamis, Sahar Khalifeh, Ibtisam Barakat e Liana Badr. Como parte de um estudo mais amplo¹, o trabalho busca traçar um panorama histórico do desenvolvimento da literatura palestina e, mais especificamente, desenvolver análises sobre as obras em tela, no que diz respeito ao tema da ocupação e dos deslocamentos – dinâmicas centrais –, ainda que violentas, no processo de constituição dos palestinos na contemporaneidade.

Desde o início do século XX, a Palestina enfrentou uma condição singular em sua constituição: passou por um domínio direto britânico, constituído a partir do Mandato Britânico, em 1922, bem como foi impactada com um projeto de colonização do território a partir do movimento sionista. O sionismo, movimento que nasceu ainda no século XIX, defendia a criação de um lar nacional judaico no território palestino, uma perspectiva que pode ser compreendida dentro dos parâmetros europeus da época no que diz respeito ao desenvolvimento do pensamento nacionalista, racial e imperialista (SAID, 2012; TOLOSA, 2018). Com a sistematização deste projeto colonial, que ganhou apoio externo, como da própria Inglaterra, com a expressão máxima deste apoio com a Declaração de Balfour em 1917, a população local viu seu território e espaços se transformarem ainda na primeira metade do século XX (KHALIDI, 2020; MASALHA, 2018).

Este longo processo resultou na Nakba, palavra em árabe que quer dizer catástrofe, em 1948, com a expulsão da população palestina do seu território, e a criação do Estado de Israel. Um processo que se inicia ainda em 1947, com ataques feitos por milícias armadas a vilas palestinas, que resultou em massacres e o início de deslocamentos forçados gradativos (KHALIDI, 2020). Como resultado desse cenário, que se desenvolveu, no processo de consolidação de Israel, entre 1947 e 1949, novas fronteiras foram traçadas para a região: do território determinado como a “Palestina Histórica”, Israel passou a ocupar cerca de 78% do território, e o restante se conformou entre o que se transformou nos territórios palestinos, Cisjordânia e Gaza. Destaca-se que nesse processo, com cerca de 750 mil palestinos expulsos, a população tornou-se refugiada, deslocando-se internamente ao território palestino, ao nascente Israel e para países vizinhos,

¹ O artigo apresenta discussões que foram desenvolvidas na tese de Doutorado, que teve por objetivo traçar uma análise de um panorama mais amplo da constituição da literatura palestina, levando-se em conta aspectos sobre a formação da identidade nacional, formas de resistências palestinas e debates sobre gênero.

como Líbano e Jordânia. Como um processo em andamento, a expulsão se tornou permanente, sem restituição dos lares dos refugiados.

Destacamos ainda um processo posterior, de aprofundamento das relações de expulsão e controle de palestinos, ocorrido em 1967, conhecido como Naksa – ou o revés –, em árabe. A partir do resultado negativo para as forças árabes em uma guerra contra Israel na região (conhecida como a Guerra dos Seis Dias), os territórios palestinos – os restantes 22% –, passaram a serem controlados por Israel. Isto quer dizer que Cisjordânia, Jerusalém e Gaza foram colocados sob controle militar. Dos diversos desdobramentos desse processo, ainda que considerando as particularidades dessas localidades, podemos destacar que a ocupação dos territórios, presente até os dias de hoje, tem atuado para o apagamento histórico e físico dos palestinos. O poder militar imposto sobre a população, sobretudo na Cisjordânia para este caso, resulta no controle da mobilidade dos palestinos e na perda sistemática de suas propriedades e casas, uma vez que o Estado de Israel utiliza de “aparatos jurídicos”² para desapropriar e expulsar palestinos. Isso tem sido ainda mais aprofundado com a expansão de assentamentos nos territórios ocupados da Cisjordânia, embora ilegais segundo resoluções internacionais, levando a um cenário de violência e espaços segregados, dimensionado por estudiosos como um sistema de apartheid (SAHD, 2022).

Este panorama histórico é fundamental para compreendermos a posição da literatura palestina analisada, uma vez que estas questões são diretamente mobilizadas nas narrativas desenvolvidas pelas autoras. Nesse sentido, em um primeiro âmbito, podemos dimensionar como a literatura palestina se desenvolveu associada à sua realidade de ocupação, como discutiremos a seguir, uma preocupação com a possibilidade de narrar um certo testemunho histórico vivido. Entre narrar a violência e afirmar existência, a literatura palestina é atravessada pela catástrofe. Como poderemos discutir, as construções narrativas, portanto, mesclam o que podemos chamar de espaços-temporais: a região, o território; e o tempo, o passado e o presente, como uma (re)atualização do processo da perda da terra. De outra parte, ressaltamos que, justamente, narrar

² Um corpo de legislação foi formado desde a constituição de Israel, de modo a assegurar o controle sobre o território. Isto pautou, no início desse processo, por exemplo, na Lei das Propriedades dos Ausentes, que instituía que as moradias de ausentes no contexto da expulsão eram consideradas vagas – portanto poderiam ser ocupadas permanentemente. Visto como um regime de *apartheid*, as legislações são utilizadas para beneficiar cidadãos israelenses, mesmo nos territórios ocupados. Muitas vilas são demolidas com base retórica da “segurança nacional” de Israel, atuando, em realidade, como a continuidade de expulsão de palestinos dos territórios e sua concentração em certas regiões.

é uma forma de determinar estas questões, e nesse sentido, dar uma realidade a uma luta que é, centralmente, pelo reconhecimento (SAID, 2012). Assim, a literatura e sua narrativa ganham dupla forma de resistência: narrar em si é uma forma de resistência, e o que é narrado dimensiona elementos de sobrevivência e luta dos palestinos em meio a um cenário de violência extrema e diante de um processo inacabado.

2. A literatura palestina em foco

Os escritos literários têm importância fundamental na constituição da Palestina ao longo do século XX e, sobretudo, contribuintes para a elaboração de uma identidade palestina. Desde o início do século XX, atravessados por sua condição específica, como discutimos – a presença britânica e o sionismo –, intelectuais passaram a publicar suas percepções e perspectivas em jornais, por exemplo, tornando a imprensa em um espaço efervescente nesse cenário (KHALIDI, 1992); nestes espaços também circulavam escritos literários, como a poesia. Cabe destacar que o desenvolvimento das formas literárias também acontecia por meio de contatos com outros cenários do Oriente Médio, sobretudo na região do Levante, como a Síria e o Líbano, mas também o Egito (ALLEN, 1982; SHEEHI, 2004). Contudo, ainda que integrados às transformações e discussões regionais, os palestinos, em razão da sua trajetória singular, desenvolveram uma formulação própria de identidade e resistência nacional.

Nesse sentido aponta os estudos de M. Peled (1982), que buscou compreender a formação da literatura na primeira metade do século XX. O autor propõe uma organização temporal, em que a literatura palestina teria se desenvolvido entre 1917 e 1918, a partir de uma percepção identitária antes mesmo de uma formação nacional propriamente dita, e que nesse âmbito, teria se singularizado frente à designação da “literatura árabe”. Outras reflexões apresentam perspectiva semelhante, como em trabalho recente de Ibrahim Mahfouz Abdou e Refqa Abu-Remaileh (2022). Para os autores, a Palestina teria vivido um período de “modernidade literária” nas décadas de 1930 e 1940, que foi interrompida pela constituição de Israel em maio 1948. Nesse cenário, portanto, destaca Peled (1982: p. 146), é relevante notar uma sensibilidade aguda dos palestinos diante das circunstâncias políticas, criando uma certa ligação especial dos escritores nascidos na Palestina com a terra.

Depois de 1948, com a desestruturação da sociedade palestina, a literatura e artes também sofreram com a desmobilização de locais de encontro, a destruição da cultura material das cidades, bem como a própria expulsão e exílio de muitos sujeitos. Ainda que não

completamente eliminado, podemos compreender que houve um certo hiato no pós-1948, em decorrência da nova realidade. Assim, uma nova estruturação do campo literário ocorreu posteriormente, já na década de 1960, com uma produção importante e relevante para a conformação da literatura palestina contemporânea. Um de seus representantes mais conhecidos, Ghassan Kanafani, escritor e partícipe da luta pela libertação da Palestina, escreveu, entre 1966 e 1968, sobre o cenário literário da região em meio às transformações do território. São os livros, respectivamente, *Adab al-muqawama fi Filastin al-muhtalla* (Literatura de Resistência na Palestina Ocupada 1948-1966), e *Al-adab al-filastini al-muqawim taht al-ihtilal* (Literatura de Resistência palestina sob a Ocupação 1948-1968). O escritor foi muito importante para o desenvolvimento da noção de literatura de resistência, na sua análise sobre as características da produção literária palestina, e celebrado pelos seus livros de ficção, como o famoso *Homens ao Sol*, publicado ainda em 1963.

Como ponta de lança, esta noção de resistência, também para a literatura, bem como os projetos de construção de identidade nacional, seus elementos culturais e grupos políticos, nortearam a luta política da década de 1960, e em período posteriores, ainda que com transformações, sobretudo depois de 1967 e a ocupação da Palestina, processo que referimos anteriormente. Nesse âmbito, podemos compreender que os caminhos da literatura palestina depois de 1970 foram diversos, sobretudo ao tratar, além das realidades de violência e ocupação, temas que buscavam analisar a sua própria sociedade. Assim, elementos transversais também passaram a ser abordados com mais frequência, reportando às relações identitárias, questões sociais e políticas, incluindo críticas. Ainda assim, compreendemos que, embora diversos em suas linguagens, temática e estética, a narração enquanto resistência pode ser tomada como um fio que conecta este grande panorama da “questão palestina” de cerca de um século.

É neste cenário mais recente que localizamos as obras analisadas neste artigo. Todas pertencem a um cenário depois de 1970, em que a dura realidade da ocupação da Palestina estava imposta, e assim, forneceu material para elaboração e reflexão através das narrativas literárias. Nesse sentido, as questões levantadas no próximo tópico seguem uma análise conjunta e dialogada sobre as obras, ainda que entendendo suas características particulares³. Buscamos, dessa

³ Em razão do recorte para apresentação deste artigo, não será aprofundado aspectos sobre a organização deste conjunto documental. Uma questão importante, e desenvolvida na tese, foi o debate em torno da composição de um cenário literário em termos geracionais. Também apontamos o recorte escolhido por obras escritas por mulheres, uma vez que um dos objetivos foi compreender as formas narrativas, temáticas e operativas de uma

forma, investigar as formas pelas quais os temas da ocupação estão presentes como parte constitutiva da literatura palestina, que, por conseguinte, fala centralmente sobre a experiência de expulsão. Assim, ao longo da análise, abordamos os livros de Sahar Khalifeh, *Wild Thorns* (Espinheiros Selvagens), de 1976 e *The Inheritance* (A herança), de 1997; Liana Badr, *A Compass for the sunflower* (Uma bússola para o girassol), de 1979 e *The Eye of the Mirror* (O olho do espelho), de 1991; Susan Abulhawa, *Mornings in Jenin* (Manhãs em Jenin), de 2010; Khulud Khamis, *Haifa Fragments* (Fragmentos de Haifa), de 2015; e Hala Alyan *Salt Houses* (Casas de Sal), de 2017⁴.

Das diferentes questões abordadas nos livros, nos centramos, como objetivo do artigo, tratar de elementos que reportam à condição do deslocamento. Cabe ainda uma observação, considerando o quadro heterogêneo das obras. Há um perceptível enquadramento das narrativas considerando a posicionalidade das próprias autoras. Sahar Khalifeh e Liana Badr, por exemplo, que são de uma geração anterior, tratam mais centralmente do território, a sua modificação e a implicação deste cenário para a vida dos palestinos, em seu território ou em campos de refugiados em países vizinhos. Já Hala Alyan, uma escritora mais jovem, parece tratar daquilo que é a identidade sob o exame da diáspora, isto é, das relações geracionais e o certo distanciamento – pelo menos físico –, dos mais jovens com a Palestina, diante da realidade atual. Isto pode nos reportar também para uma transformação das formas de relação com a Palestina desde a década de 1990, sobretudo a partir dos resultados da assinatura dos Acordos de Oslo: um aprofundamento da ocupação da Palestina por Israel e um certo pessimismo em relação à possibilidade de consolidação de uma Palestina livre novamente. A relação dúbia, dolorosa e confusa da identidade também oferece parâmetros de aproximação e distanciamento com o território e sua identidade.

3. Cartografias do controle e da sobrevivência

Todos os enredos das obras analisadas tratam da ocupação, ainda que com desenvolvimentos particulares de seus personagens, e regiões dentro e fora da Palestina. Contudo, podemos situar que há um fio condutor dessas narrativas, que são as trajetórias – difíceis –, dos palestinos(as), por fronteiras locais, regionais e internacionais. Algumas obras, como *Wild Thorns*,

escrita feminina, tratando de elementos que problematizam a formação nacional, as relações sociais e políticas, de gênero e familiares no contexto de formação da Palestina contemporânea.

⁴ Destacamos que os livros *Wild Thorns*, *A Compass for the Sunflower* e *The Eye of the Mirror*, receberam tradução do árabe para o inglês. As outras obras foram escritas na língua inglesa. As traduções em português são realizadas de maneira livre.

Tasting the Sky e *Haifa Fragments*, desenvolvem, em mais detalhes, o cotidiano da ocupação, como veremos.

De modo a visualizarmos as análises a seguir, podemos traçar um panorama breve dos enredos das obras literárias. O livro *Wild Thorns*, escrito por Sahar Khalifeh, palestina nascida em Nablus, na Palestina, em 1941, é o retorno de Usama – o personagem principal – à Palestina, agora sob a ocupação do exército israelense. A partir da interação de Usama com os sujeitos que permaneceram na Palestina, o personagem reflete sobre a luta, entre resignação e utopia. O livro *Tasting the Sky* apresenta a história de Ibtisam Barakat – uma autobiografia –, nascida em Jerusalém no ano de 1963. A obra narra a sua experiência de saída forçada de sua casa e do seu retorno à Palestina, ainda criança, e a mudança de paisagem com a instalação de uma base militar israelense perto de sua casa. O medo, a curiosidade e as perspectivas de vigilância são observações de Barakat em meio a uma Palestina ocupada. Em *Haifa Fragments*, livro escrito por Khulud Khamis, palestina nascida na Eslováquia, na cidade de Senec, em 1974, narra a história da personagem principal, Maisoon, uma palestina vivendo em Israel, onde acompanhamos sua trajetória na passagem das fronteiras para os territórios ocupados. As questões em torno de ser uma palestina que vive em Israel operam como reflexões sobre a sua identidade e as diferentes realidades nestes territórios. As obras de Liana Badr, *A Compass for the Sunflower* e *Eye for the Mirror*, abordam os palestinos nos campos de refugiados no Líbano. Badr nasceu em Jerusalém em 1950, morou em Jericó, mas foi exiliada no contexto do pós-1967. Nos livros, seguimos os caminhos das protagonistas Jinan e Aisha, respectivamente, por entre as dificuldades, violências e problemas da vida enquanto refugiadas. Badr dimensiona um olhar histórico nessas narrativas, ao se referir a acontecimentos específicos, como o massacre de Sabra e Chatila, em referência ao cerco israelense aos campos de refugiados no Líbano. No caso de Jinan, a obra aborda os deslocamentos que viveu em razão da expulsão de palestinos, e como enfermeira, relata a sua vivência neste cenário de guerra. Já Aisha descreve a sua vida no campo de Tal Ezza'tar, e as transformações cotidianas em meio às violências constantes.

Já os livros *The Inheritance*, *Mornings in Jenin* e *Salt Houses* tratam de uma dimensão diaspórica. O enredo de *The Inheritance*, da já citada Sahar Khalifeh, acompanha a história de Zaynab, uma menina que nasceu nos Estados Unidos, filha de uma mãe estadunidense e pai palestino, e é criada por seu pai Mohammed no Brooklyn, em Nova Iorque. Mesmo nascida em território americano, Zaynab tem uma forte ligação com a Palestina e a cultura árabe, através do

seu pai e da convivência no bairro. Anos depois ela tem oportunidade de ir à Palestina e conhecer parte da família, e suas reflexões giram em torno da memória do pai, relações familiares e a ocupação. No livro *Mornings in Jenin*, da escritora Susan Abulhawa, nascida em 1970, acompanhamos a história de Amal, que cresceu na diáspora, nos Estados Unidos, e que visitar a Palestina, vivencia as brutalidades da ocupação. A narrativa acompanha a personagem, mas também a sua família, traçando uma genealogia da expulsão, das relações familiares e da terra. Por fim, *Salt Houses* narra a história da família Yacoub, centrada na protagonista Alia, nascida em Jaffa. Devido a expulsão em 1948, a família se instala em Nablus, local em que Alia vive toda a sua juventude. Depois Nakba, ela e outros membros da família transitam por países diferentes, apontando para uma vivência diaspórica. O livro foi escrito por Hala Alyan, nascida nos Estados Unidos, em 1986.

Assim, para as obras literárias abordadas aqui, tem-se espaços como Israel, Palestina – histórica e ocupada –, Jordânia, Líbano, Kuwait, Estados Unidos e França. O livro de Khamis, *Haifa Fragments* (2015), é o único em que a autora apresenta uma palestina cidadã e residente de Israel. Os outros livros apresentam palestinos(as) em movimentação, expulsos de suas moradias e se estabelecendo em outras localidades, dentro e fora da Palestina. Destaca-se que, em *Salt Houses* (2017), livro da Alyan, como mencionado, a ação diaspórica é intensa nas gerações familiares, algumas delas forçadas – por exemplo, a saída de Nablus –, e depois, de Kuwait, e outras, especialmente dos mais jovens, enquanto um prosseguimento ao crescimento individual dos personagens. No livro da autora Susan Abulhawa, em *Mornings in Jenin* (2010), a diáspora aparece como uma oportunidade de mudança de realidade, apresentando uma personagem, Amal, que ainda jovem migra para os Estados Unidos.

A partir das relações estabelecidas, podemos mapear que os livros possuem três grandes preocupações temáticas: em primeiro lugar, a guerra, em associação com a expulsão palestina, em 1948 e/ou depois de 1967, ou mesmo na relação entre essas duas datas, para gerações de familiares diferentes. Os livros associados a esta temática são *Salt Houses*, *Tasting the Sky* e *Mornings in Jenin*, já que apresentam como aspecto fundamental formativo e experiência vivida a expulsão e ocupação palestina, com Alia, Ibtisam e Amal, respectivamente. Um segundo eixo é guerra no Líbano e destruição de campos de refugiados, uma vez que se estruturam com enredos que narram o cotidiano dos campos e massacres de palestinos, com vivências de Aisha e George, Jinan e Amal, nos livros *The Eye of the Mirror*, *Compass for the Sunflower* e *Woman of Nazareth*, respectivamente.

E, por fim, o tema da identidade enquanto tônica reflexiva sobre o que é ser palestino, apresentada de formas diversas: em *The Inheritance*, como uma palestina conhecendo sua identidade, já que é distanciada pelo seu crescimento nos Estados Unidos; em *Wild Thorns*, a identidade direcionada ao sentido de luta e de resistência palestina; e em *Haifa Fragments*, na tensão entre pertencer (ou não) a uma identidade palestina tomando-se o caso de Maisoon, de Haifa.

Assim, vejamos como se desenvolvem o relato de violência da ocupação, e de outra parte, as relações espaciais – memoriais, temporais e históricas para com a Palestina –, nos diferentes personagens desenhados pelas autoras.

3.1. A ocupação

Podemos atribuir, nestes cenários, que as fronteiras são, duplamente, espaços de questionamentos, locais inexistentes, uma vez que a própria fronteira palestina não existe *de facto* (BALL, 2012: p. 102); e, ao mesmo tempo, são parte da mais recorrente e exata experiência palestina contemporânea. Estes espaços bem determinados são marcações de afirmação-negação de identidade, e substancialmente, um controle de corpos e mobilidade colocada pela dominação israelense.

A ocupação, portanto, é um tema recorrente nas produções literárias analisadas, que atravessam de maneira intrínseca a narrativa e a formação dos diversos personagens. No livro *Tasting the Sky*, por exemplo, a personagem principal, junto de sua família, se constrói a partir da experiência da ocupação, no seu passado e no presente também. É interessante notar que o relato de Ibtisam Barakat, já mais velha, demonstra sua compreensão mais sólida – e brutal –, do significado da ocupação. Esta incide sobre sua locomoção, sobre ser parada em um ônibus por percorrer uma pequena distância para pegar cartas em sua caixa postal, parte de sua experiência de conexão com o mundo através do diálogo com pessoas de outras localidades, mas ainda assim, controlada. Isto impacta na realização de sua subjetividade, nas ansiedades sobre ser invisível, e neste aspecto, na negociação do existir.

Ibtisam relata a sua parada em um centro de detenção em que o soldado israelense pergunta para onde ela se dirigia, e ao responder Ramallah (na Cisjordânia), o soldado afirma que a cidade não existe mais (2007: p. 4), em uma resposta séria – mas irônica e sórdida, que gera uma ansiedade na jovem que imagina o desaparecimento da cidade e da sua família – um fato teoricamente absurdo, no entanto possivelmente real neste cenário de ocupação. Escrever e

chegar até a caixa postal é a verdadeira liberdade, fazendo Ibtisam refletir: “as rodovias e sistema de correio são como nosso país, quebrados; cartas são como orações” (BARAKAT, 2007: p. 11, tradução livre do original). E continua (p. 11, tradução livre do original), “o que diriam meus colegas de correspondência se lhes dissesse que estou em um centro de detenção porque fui abrir minha caixa postal para receber as cartas deles?”. Algo semelhante é tematizado no livro *Haifa Fragments*, de Khulud Khamis, em que a personagem principal, Maisoon, ao falar sobre a cidade de Haifa (localizada na atual Israel), dá uma impressão da marca psicológica da militarização: as meias penduradas no varal, lado a lado como pequenos soldados, todos com listras azuis balançando ritmadamente com o vento (2015: p. 4). Não muito diferente, por exemplo, de sua própria observação sobre a dança dos soldados com suas armas em um ônibus em Haifa (2015: p. 20).

Ainda sobre este tema, um fio de ligação com a vivência da ocupação passada, ainda na infância, fez com que Barakat elucubrasse acerca dos gestos de soldados, desenhados por um misto infantil de temor e curiosidade: “eu então compreendi que os soldados israelenses se tornaram parte da nossa vida diária. Nós olhávamos eles, imitávamos eles, nos questionávamos sobre suas ações, e falávamos sobre eles o tempo todo. Eles eram o motivo da nossa ansiedade e do nosso entretenimento” (BARAKAT, 2007: p. 98-99, tradução livre do original). Ainda que com alguma curiosidade, Barakat figura o poder nos soldados israelenses, seu ponto de contato direto com o significado de ocupação na infância e juventude, e se questiona “(...) se aqueles soldados poderiam ver dentro da minha mente que eu estava incomodada com o que eles estavam fazendo” (BARAKAT, 2007, p. 93-94, tradução livre do original). Ademais, a certeza do caráter impositivo da ocupação incide em uma compreensão mais complexa de seu sistema, que em 1981, impacta na organização interna da sua família:

Os soldados são outra força que nos separa. O pai sabe que são eles, não ele, que controlam todos nós. Nós não somos livres para ser uma família da forma que ele quer, com ele sendo um leão em nossas vidas. Ele é um leão no zoológico. Qualquer um de nós pode ser levado a qualquer dia (BARAKAT, 2007: p. 14, tradução livre do original).

Aqui ainda se dimensiona a questão da reprodução da masculinidade, na figura do pai, uma forma de conceber as relações de poder que atuam no cenário da ocupação militar. Ainda nestes termos, a humilhação de homens na passagem pelo *checkpoint*, desenhada por várias obras, como o personagem de Usama em *Wild Thorns*, e em outra medida, na violência aos corpos

femininos, com a ordenação de uma revista íntima feita por uma soldada israelense (KHALIFEH, 1997, p. 14).

A face direta da ocupação através do soldado é figurada pelo tema da vigilância, das espacializações metafóricas e reais do controle dos corpos e da mobilidade, à luz da imagem descrita por Ibtisam sobre o medo estar na mente. De uma perspectiva, em *Haifa Fragments*, há um cenário de passagem por *checkpoint*, em que palestinos têm de possuir permissões especiais, marcados por um tipo de carteira de identidade específica, e de outra, uma zona de escape, a parte de não passagem [*no-go area*], da qual fazem uso para se esquivarem do controle militar. Por outro aspecto, a violência de ser interrogada no *checkpoint*, como uma vida sendo sugada, na descrição de uma estrangeira que Maisoon encontra em seu retorno a Haifa. Um cenário definitivo, a partir da narradora do livro *Wild Thorns*, a paisagem do controle: “o terreno ao redor do quartel criado para processar a entrada na Cisjordânia ocupada era cinza, desprovido até mesmo do menor arbusto. Mãos hábeis removeram toda a cobertura natural do solo (...) para impedir a entrada de qualquer pessoa que esteja desafiando a segurança do estado” (KHALIFEH, 1997: p. 20, tradução livre do original).

O cotidiano da ocupação, portanto, inviabiliza o trânsito livre de pessoas, onde segue-se um regime de constante vigilância, destruição de casas, e escolha sobre a vida e a morte, fundamentalmente, pela decisão de soldados à passagem de ambulâncias, o acesso das pessoas aos hospitais, entre outros. É o descrito em *Mornings in Jenin*: “papéis de permissão especial para viajar para o leste, oeste, norte ou sul. Permissão especial era necessária para tratamento médico, movimento comercial, passes universitários (...) o constante desdobrar, inspeção e redobrar [os papéis de permissão]” (ABULHAWA, 2010: p. 114, tradução livre do original). Por outra dimensão, é o retratado em *Haifa Fragments*, também pelo efeito da ocupação, a falta de trabalho – o empobrecimento e a fome, que por sua vez, é o tema central de *Wild Thorns*, tornando a vida nos Territórios Ocupados insuportável, como uma prisão. A realidade brutal da ocupação é conceituada por Adil como uma palavra com muitos significados: é o exílio dentro do próprio território, é a tortura na designação colocada pelas Nações Unidas (KHALIFEH, 1997: p. 56) – ironicamente pontuado pelo personagem. No outro romance de Khalifeh, há uma compreensão de que as pessoas se acostumaram com as vistorias, os toques de recolher e os bloqueios de rodovia (KHALIFEH, 2011, p. 85). Com a desesperança da organização do estado palestino e dos crescentes *settlements* [assentamentos] depois dos Acordos de Oslo, Bey conclui que a ocupação é a

tragédia, de efeito temporal: “eles estavam construindo um novo *checkpoint* [posto de controle] para marcar as fronteiras entre o passado e o presente, entre uma ocupação que durou anos e uma ocupação que durará para sempre” (KHALIFEH, 2011, p. 183, tradução livre do original).

3.2 O deslocamento

A espacialidade desenhada nos enredos é o próprio deslocamento, e nesse âmbito, um entre-espacos ou mesmo um não-lugar. Nenhum personagem permanece estável, e todos são, invariavelmente, arrebatados pela necessidade de locomoção, seja para sobreviver, para fugir, para buscar exílio e/ou para garantir alguma felicidade. Ainda assim, é possível delinear diferentes formas pelas quais o deslocamento e a situação de fronteira são pautados nos enredos das obras. Em uma primeira dimensão, podemos atribuir ao sentido mais estrito de estar entre-espacos, isto é, de se encontrar fisicamente e subjetivamente em vinculação a um local e outro ao mesmo tempo. O livro de Liana Badr, *A Compass for the Sunflower*, nos oferece isso de maneira abundante, dando uma sensação específica do mundo imaginado pela autora. A dificuldade, em algumas partes, de definir de que local Jinan está falando, demonstra o amalgamento de lugares, países, situações, combinando memória e exílio, elos entre Beirute-Amã e Amã-Jericó: como, por exemplo, no cotidiano em Sabra, no Líbano, a observação das flores a levar para Amã no denominado Setembro Negro (em referência ao violento processo que levou à expulsão da OLP e de palestinos da Jordânia), e por conseguinte, a transportar para a estação policial em Jericó, na Palestina (Badr, 1989: p. 10-11). De maneira semelhante, o seu relato sobre o mês terrível que viveu em setembro em Amã – e a decisão de ficar ou se deslocar para dentro das florestas; e em um mesmo parágrafo, falar de Amã e Beirute, em uma unicidade, quase que tratando da mesma experiência – ou o mesmo sentimento:

(...) onde eu teria alguma utilidade? Meu treinamento básico em carregar e descarregar arma de fogo não valia muito (...) Quando Jericó caiu eu não estava lá. A cidade havia caído no abismo no início do verão, e agora, no final de outro verão, as trincheiras de setembro apareceram. Dessa vez eu tinha tudo menos experiência (...) (Badr, 1989: p. 30, tradução livre do original).

Estas fronteiras e espacos também são erguidos e dissolvidos em outros momentos ao longo do livro, como quando, ao atender crianças no Campo de Refugiados em Shatila, lembra do décimo dia de batalha na Jordânia (1969: p. 69). Mais explicitamente, no começo do romance, vemos a ação de memórias espontâneas de Jinan, quando uma poça d'água em seu caminho em Sabra pela manhã a leva imaginar uma poça de sangue, que viu – e viveu em outros locais.

O constante deslocamento em *Salt Houses*, da autora Hala Alyan, também cria vínculos, vácuos espaciais particulares à família Yacoub, na conexão entre Palestina-Amã, Palestina-Beirute e Amã-Kuwait. Em Amã se deparam com um sentimento dúbio, agriçoce, pois, ainda que o local que a mãe de Alia, a personagem principal, se instalara, fosse conhecido, escancarava o sentimento da perda. Quando a família decide mudar para o Kuwait, o marido de Alia, Atef, afirma que “em Amã, são as mesmas pessoas, os velhos bairros, as pessoas com quem crescemos. Como pode retornar a isto? Como podemos olhar para eles sem lembrarmos (...) o que nós perdemos” (Alyan, 2017: p. 72, tradução livre do original). Mesmo assim, é em Amã que Alia se sente melhor, transformada, na visão de sua filha. As linhas invisíveis que conectam Amã à Palestina e que informam a distância afetiva de Kuwait é visualizada no modo de ser da personagem: “lá no Kuwait ela [Alia] reclama de estar cansada (...) ela usa calças e camisetas, *kohl* em volta dos olhos dela. Mas aqui [em Amã], ela mantém o rosto limpo, veste vestidos curtos que esbarram em suas coxas (Alyan, p. 2017: p. 115, tradução livre do original). Denotando aqui, a relação entre o reforço da identidade em um espaço estrangeiro, e a possibilidade de liberdade no local em que se considera o mais familiar, já que não há retorno possível à Palestina.

Também é evidente a ligação especial com o Líbano, especialmente quando os mais jovens retornam de suas viagens da Europa e Estados Unidos. Para Souad, filha de Alia, Beirute seria uma espécie de casa, um local familiar, com pessoas que se pareceriam com eles/as (Alyan, 2017: p. 213), e assim, ela voltou a se sentir a ser palestina, ainda que o sotaque a diferenciasses (p. 215). É o que carrega Manar, outra integrante da família, neste deslocamento, quando visita Jaffa e é rapidamente reconhecida em um restaurante como uma libanesa, e mais, uma “irmã libanesa” (p. 285): “é como uma impressão digital, algo marcando ela, expondo sua formação – pai libanês, mãe palestina (...)” (ALYAN, 2017: p. 285, tradução livre do original).

Um segundo aspecto atravessado pelos deslocamentos é o exílio e a ideia – e o direito – do retorno. Novamente com Jinan, a personagem principal em *A Compass for the Sunflower*, o universo da dor é compartilhado pelo não-lugar, pelo exílio, pela sua marca profunda (1989: p. 5) e pela angústia do exilado, um sentimento esticado e que irrompe [*bursts*] em todos os locais (p. 74). Delineado como uma *poética de desorientação* [*poetics of disorientation*] por Magda al-Nowaihi

(2002, p. 73), a justaposição e os deslocamentos temáticos e espaciais são parte da intenção narrativa do livro⁵.

A temática do retorno atrelado ao exílio é fortemente acionada no livro de Abulhawa, *Mornings in Jenin*. Os personagens, tentam, de fato, retornar, depois da expulsão no contexto da Nakba: “Eles tentaram voltar para casa no dia seguinte, mas as armas atrás deles os proibiram de retornar (...) Jenin foi o mais longe que conseguiram ir, e eles descansavam em qualquer lugar que houvesse espaço entre a inundação de refugiados convergindo de outras vilas” (ABULHAWA, 2010: p. 34, tradução livre do original). Instalando-se aí, uma reflexão e uma indignação quanto a essa impossibilidade:

Como é que um homem não podia andar em sua própria propriedade, visitar o túmulo de sua esposa, comer os frutos de quarenta gerações de trabalho de seus antepassados, sem consequências mortais? De alguma forma, essa questão bruta não havia penetrado previamente a consciência dos refugiados que haviam ficado confusos na eternidade de espera, ansiando por resoluções internacionais abstratas, resistência e luta (ABULHAWA, 2010: p. 48, tradução livre do original).

A resistência do avô de Amal, inclusive, ainda em *Mornings in Jenin*, se aloca no desejo de manter-se na permanência do campo, rejeitando a instalação no abrigo em Jenin: “Ele preferia ter ficado na casa de pano [em referência aos abrigos provisórios], seu teto com vazamento e chão lamacento confirmando apenas um exílio temporário” (ABULHAWA, 2010: p. 41, tradução livre do original). O seu retorno a Ein Hod, a sua vila de origem, de maneira “ilegal”, e sua morte na segunda tentativa, colocam a permanência enquanto uma forma de resistência à ocupação, incorporando a condição de exílio e refúgio à sua existência, ainda que dolorosa. Nesse aspecto, é um importante marcador das diferenças entre diáspora e exílio, na medida em que há diferenças semânticas no ato de se locomover, de dispersão e movimentação forçada, sendo *al-ghurba* um termo em árabe com uma significação mais precisa para o caso palestino: traduzido de maneira literal como banimento e separação do sujeito com seu país, mas também, dentro da tradição corânica e filosófica, está ligado ao verbo *gharaba*, significando estar afastado da luz (BALL, 2012: p. 132-133).

Relacionado a este tema, podemos pensar sobre o exílio no além-mar, um deslocamento para os Estados Unidos, garantindo um cotidiano sem guerras, mas confirmando um afastamento permanente, e um sentimento de anseio pela distância da terra natal. A partir de Amal, a

⁵ Al-Nowaihi cunha este termo para falar da produção literária da escritora egípcia Salwa Bakr, porém, acreditamos ser uma ideia pertinente também para se pensar na produção de Liana Badr.

personagem principal em *Mornings in Jenin*, conseguimos acompanhar o processo de fricção identitária em solo estrangeiro, e suas reflexões no continente americano são marcantes para a construção da sua identidade: “a Palestina se levantaria dos meus ossos para o centro da minha nova vida, sem ser anunciada. Na aula, em um bar, passeando pela cidade” (ABULHAWA, 2010: p. 175, tradução livre do original). E continua ao concluir que “foi uma atração persistente, vivendo nas células do meu corpo, me chamando para mim mesma. Então, voltaria à latência” (ABULHAWA, 2010, p. 175, tradução livre do original). Com sentidos ambivalentes, de estranhamento e libertação, de anonimato e identificação estigmatizada, à distância, Amal foi se aprofundando na cultura do novo país, que embora nada lhe acrescentasse, promovia um sentido de pertencimento “fácil”. Esta mudança na percepção em relação a si rompeu dimensões de seu passado e presente: “eu me deixei ser conhecida como Amy – Amal sem a esperança. Eu era uma palavra drenada de seu significado. Uma mulher esvaziada de seu passado. A verdade é que eu queria ser outra pessoa” (ABULHAWA, 2010, p. 178, tradução livre do original).

Aqui temos um atravessamento da língua árabe com a sua própria identidade, uma palavra, uma pessoa sem esperança, e o distanciamento espacial, afetivo, tem caráter formativo na sua experiência do exílio. Nesse âmbito, a alienação e o distanciamento da nação em uma época localizada através do estado-nação complexifica as formas de compreensão da nacionalidade sem um estado. Assim, “deslocamento e marginalidade, compreensivelmente, tornam-se um ponto de partida e um local de investigação tanto nas narrativas palestinas quanto em qualquer crítica a elas” (OUYANG, 2012: p. 74, tradução livre do original). De certa forma, as obras mantêm este personagem silencioso, a nação, e os deslocamentos e as identidades forjadas a partir deste processo são reflexões sobre os destinos dos próprios palestinos/as e do território, abordadas por algumas autoras de modo mais direto, como um comentário político, ou mais essencial, a partir da tônica do pertencimento.

Podemos ainda delinear deslocamentos simbólicos em que as espacialidades se dão na intimidade e na subjetividade dos personagens, e por outro lado, que conformam certos tropos mobilizados nas produções literárias de um modo geral. É caso dos livros *Salt Houses* e *Mornings in Jenin*, através das histórias de Alia e Dalia, em que fronteiras são delineadas pelo tropo da loucura, em uma significação específica, isto é, a loucura como uma estratégia para combater a “ideologia da loucura” própria do programa da expulsão/ocupação (OUYANG, 2013: p. 88). Nesse sentido, a renúncia do tempo do relógio, um tempo da agonia e do absurdo, dá espaço

para um tempo interno, entretanto, não menos violento. Já no caso da pequena Ibtisam, a fuga para a Jordânia com a família se dá a partir de um carro lotado de inúmeras famílias, que seguem com toda força para atravessar a fronteira. O deserto, enquanto símbolo do inóspito, embora habitat do resistente cacto, se torna uma espacialidade comunicativa relevante, é um espaço que, independentemente do perigo, palestinos/as devem conquistar e atravessar (OUYANG, 2012: p. 77).

Por último, outro elemento que informa a perda da Palestina, junto à impermanência, é a impossibilidade de conhecer a Palestina integralmente, tornando, por exemplo, o acesso ao mar praticamente irrealizável. Como argumenta Ouyang (2012, p. 75), o mar sempre esteve ligado ao fantástico, a aventuras, como a de Simbad no *Mil e uma noites*, mas transformado em um vasto “nada”, ameaçador, e um cerco geográfico dos palestinos sob controle israelense. No caso da Cisjordânia, a limitação para chegar ao mar, e em Gaza (ainda que as narrativas aqui analisadas não tratem dessa espacialidade) a possibilidade de livre acessá-lo. Na obra do poeta palestino Mahmud Darwish, o mar torna-se um espaço simbólico, por onde a catástrofe se espalha, um local de esperança e atemorização (CAMPOS, 2021). Assim, o mar e seus termos derivados, o Mediterrâneo, as ondas e a água são potências de comunicação dos cercos. Entretanto, de modo a subverter esta significação, Alyan, em *Salt Houses*, resgata aspectos simbólicos do mar (ainda que seja do Líbano), quando uma das filhas da família de Alia tem uma experiência com o divino quando estava se afogando. O mar, intimidador e perigoso, tornou-se uma ponte de acesso ao mais íntimo da cultura para uma menina já nascida no exílio, um certo “retorno às origens”, aproximando-a do Islã.

O terceiro e último ponto acerca da temática dos deslocamentos é a espacialização específica dos campos de refugiados, a sua movimentação e constituição. Ainda que sob o signo da *ghurba*, há uma nítida distância das condições dos moradores/as de campos, que, como vimos, está na centralidade das reflexões de alguns livros, como a de *Haifa Fragments*, especialmente por situar a diferença em relação a uma moradora de Israel. Sem coincidência, os livros que focam nas histórias de palestinos/as em campos de refugiados são os que tematizam os movimentos destes sujeitos, e muitas vezes acionam acontecimentos próprios do campo, mais do que outros processos históricos. A brutal realidade é descrita por Liana Badr, exposta pela perda da dignidade na condição de refúgio (BADR, 1994: p. 8), pelo cenário caótico com indústrias ao redor do

campo (1994: p. 19), sem qualquer segurança, com a exploração do trabalho dos moradores do campo (1994: p. 36), uma verdadeira prisão e um campo completamente sitiado (1994: p. 67).

4. Considerações finais

Este artigo buscou discutir as dimensões de narração da literatura palestina que reportam às representações e realidades da Palestina, tomando-se seu contexto histórico ampliado do século XX e XXI. Nesse âmbito, um primeiro elemento a ser salientado é a intrínseca relação da literatura – ou dos desdobramentos do campo literário na Palestina – com a própria história palestina contemporânea. Compreendemos que, nesse sentido, a literatura informa e é um ponto fundamental de reflexão, historicamente e até o presente, da situação política da Palestina. Isto é, a literatura, assim como a cultura de um modo geral, são parte indissociada da elaboração de realidade e resistência neste caso. Ela é produtora e produto da realidade na qual está inserida, e é por este viés que entendemos a expressão literária palestina, na sua relação entre texto e contexto, entre autoria, narração e representação.

Dito isto, é notável que as obras, ainda que distanciadas por seus momentos de produção e publicação, ou mesmo a diversidade das autoras e suas narrações, apresentem muitos pontos de contato. Há, nesse âmbito, uma certa preocupação primordial em tratar da história da Palestina – talvez porque seja através dela que as ações dos personagens ganham concretude –, ou seja, são o amálgama de um passado e presente borrado, sobrepostos. A expulsão de ontem e hoje, a ocupação de outrora, a ocupação cotidiana. Nesse sentido, dimensões do trauma, memória e identidade ganham características bastante particulares para os palestinos, complexidade esta que as autoras também buscam apresentar nas diferentes narrativas. Esta atitude primordial perante a narração da história – como se os personagens se encaixassem nela, e nesse âmbito, são indivíduos singulares, mas representam uma sociedade inteira – pode ser vista também como um ato político das autoras de narrar a história palestina, constantemente apagada por Israel, e escamoteada diante de uma história oficial hegemônica. Ainda que narrar não garanta a sobrevivência – e estamos presenciando esta perversidade com o genocídio em Gaza, uma brutalidade que segue, ao vivo, apesar dos testemunhos constantes –, este é um imperativo para demarcar existência e resistência. Longe de uma idealização da resistência, a possibilidade de escrever adquire uma relevância central.

Com relação às análises, pudemos traçar um panorama que demonstra como as realidades de ocupação, cerceamento de mobilidade, aprisionamento e morte (física e simbólica)

estão presentes nos enredos enquanto informantes das diferentes realidades na Palestina e na diáspora. Trata-se de uma tentativa, através das obras literárias, de esmiuçar as diferentes violências, cotidianas, que impedem a realização da vida palestina. A presença do exército israelense em territórios palestinos, a precariedade dos campos de refugiados, a impossibilidade de estar na Palestina e a negação de um estado palestino afetam as relações sociais, materiais, íntimas e subjetivas de palestinos. Ainda sob cenários bastante sombrios, a resistência se dá na permanência no dia a dia, nos afetos e na relação de identidade com a terra, como também é abordado nas obras. Assim, vemos como territorialidade, representações espaciais e temporais adquirem importância fundamental na luta palestina.

Referências

- ABDOU, Ibrahim M.; ABU-REMAILEH, Refqa. A Literary Nahda Interrupted: Pre-Nakba Palestinian Literature as Adab Maqalat, *Journal of Palestine Studies*, 51:3, 23-43, 2022.
- ABULHAWA, Susan. *Mornings in Jenin*. New York: Bloomsbury, 2010.
- ALLEN, Roger. *The Arabic Novel: an historical and critical introduction*. New York: Syracuse University Press, 1982.
- ALYAN, Hala. *Salt Houses*. Boston & NY: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.
- BADR, Liana. *A Compass for the Sunflower*. Translated by Catherine Cobham. London: The Women's Press Limited, 1989
- BADR, Liana. *The eye of the Mirror*. Traslated by Samira Kwar. UK: Garnet Publishing, 2008.
- BALL, Anna. *Palestinian Literature and Film in Postcolonial Feminist Perspective*. NY & UK: Routledge, 2012
- BARAKAT, Ibtisam. *Tasting the Sky: A Palestinian Childhood*. US: Melanie Kroupa Books, 2007.
- CAMPOS, Geraldo A. G. A catástrofe se move pelas ondas. *Entretempos – Folha de São Paulo*. 31 out. 2021. Disponível em: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2021/10/31/a-catastrofe-se-move-pela-ondasensaio-palavra-imagem-com-mahmud-darwich-e-abdulrahman-katanani/>. Acesso: 09 ago. 2025.
- KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity: the construction of modern national conciousness*. New York: Columbia University Press, 1997.
- KHALIDI, Rashid. *The Hundred Year 's War on Palestine: a history of settler colonial conquest and resistance, 1917-2017*. New York: Metropolitan Books, 2020.
- KHALIFEH, Sahar. *The Inheritance*. Translated by Aida Bamia. Cairo: The University of Cairo Press, 2006.

KHALIFEH, Sahar. *Wild Thorns*. Translated by Trevor LeGassick e Elizabeth Fernea. Massachusetts: Interlink Book, 2011.

KHAMIS, Khulud. *Haifa Fragments*. AUS: Spinifex, 2015.

MASALHA, Nur. *Palestine: a four thousand year history*. London: Zed Books, 2018.

OUYANG, Wen-chin. *Poetics of Love in the Arabic Novel: nation-state, modernity and tradition*. UK: Edinburgh University Press, 2012.

OUYANG, Wen-chin. *Politics of Nostalgia in the Arabic Novel: nation-state, modernity and tradition*. UK: Edinburgh University Press, 2013.

PELED, M. Annals of Doom – Palestinian Literature – 1917-1948. *Arabica*, T. 29, Fasc. 2, p. 143-183, 1982.

SAHD, Fábio B. O apartheid na Palestina/Israel: revisão crítica e comparativa das considerações da Yesh Din, B'Tselem e Human Rights Watch. *RIDH*, Bauru, v. 10, n. 1, p. 191-215, 2022.

SAID, Edward. *A questão da Palestina*. Tradução: Sonia Midori. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

SHEEHI, Stephen. *Foundations of Modern Arab Identity*. Gainesville: University Press of Florida, 2004.

TOLOSA, Jorge. Propuestas para decolonizar Palestina-Israel. In: MENESES, M; BIDASECA, K. *Epistemologías del sur*. Buenos Aires: Clacso, 2018.

Sobre o autor:

Carolina Ferreira de Figueiredo: Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES na área de História Contemporânea. Possui Graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC, Mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Atua como coordenadora do LETA - Laboratório de Estudos Transasiáticos/UFES. É integrante do Laboratório de Estudos em Teoria da História e História da Historiografia - LETHIS/UFES e do Laboratório de Estudos Orientais - AZIMUTE/UFRJ. Desenvolve pesquisas na área de estudos do Oriente Médio, com ênfase para a história contemporânea da Palestina, principalmente nas seguintes temáticas: estudos da Nakba, pós-colonialismo,

nacionalismos e resistências, cultura visual e produção literária.

Artigo recebido para publicação em: 10 de agosto de 2025.

Artigo aprovado para publicação em: 22 de julho de 2026.

Como citar:

FIGUEIREDO, Carolina Ferreira de. Resistências territoriais: narração, sobrevivência e a construção de espaços-temporais frente à ocupação da Palestina em obras literárias. *Revista Transversos*. Dossiê: História e território, n.º. 32, 2026. pp. 51-70. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/transversos/article/view/93486>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2025.93486.

